



ANO IV — Fev. de 1972 — N.º 45 — Director: Pároco de Esposende - Portugal - Telef. 89291

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. CAMOES - Póvoa do Varzim

DIZER A VERDADE

Nota-se, em muitas pessoas do nosso tempo, uma preocupação de verdade. O facto seria louvável se coincidissem com uma busca de autenticidade. Infelizmente, porém, confundem-se dizer verdade com dizer a Verdade e aí, creio, está o mal.

Antes de mais, tenho ouvido apregoar um princípio que não aceito. Toda a verdade é para ser dita, afirmam. Isso tem muito que se lhe diga. A liberdade de informação, como todas as liberdades, também possui os seus limites. Da verdade de um facto não se pode deduzir a liberdade de o divulgar. E o direito que todo o indivíduo tem ao seu bom nome e à sua boa fama? A difamação será permitida assim tão de ânimo leve?

A verdade toda e as parcelas de verdade. Escrevi acima que uma coisa é dizer verdade e outra, dizer a Verdade. Um exemplo, para ilustrar o meu pensamento: se um indivíduo roubou mas não restituiu, afirmando apenas que ele roubou eu falo verdade, mas não digo a verdade. É verdadeira a minha afirmação, mas não afirmo a verdade toda e a parcela que ocultei leva as pessoas a fazerem do indivíduo em causa um juízo errado. As vezes não sei se consciente se inconscientemente, escondem-se determinadas partes da verdade. Apenas se diz o que convém. Quando se não pode, ou não se quer, dizer a verdade toda presta-se um mau serviço à informação. Talvez fosse melhor não ter dito nada.

Existe nas coisas o lado bom e o mau. Convivem no homem virtudes e defeitos. Há a noite e o dia. Dizer a verdade não é afirmar apenas o lado negativo das coisas, proclamar a existência do mal esquecendo o bem.

A propósito da Igreja nota-se em determinados sectores a preocupação de apenas divulgar os aspectos negativos dos homens que a ela pertencem. A que secreto objectivo obedecerá tal manobra? Não haverá o propósito de, lentamente, afirmando verdades que não são toda a verdade, envenenar os espíritos? O

facto verifica-se. Há quem o faça e quem o aplauda. As vezes as palmas vêm, até, de indivíduos que tinham a obrigação de pensar um bocadinho mais e de se lembrarem de que estão a bater palmas a quem, sem darem por isso, os chicoteia.

É verdade que alguns sectores de pessoas que se encontram ao serviço da Igreja se têm fechado à informação. Isto, porém, não justifica a atitude de quantos, ao falar da Igreja, apenas vêem sombras ou defeitos.

Penso que, ao verificarem-se manobras do género, a má intenção que as dita e os escuros objectivos que prosseguem devem ser postos a claro. Sujeitar-nos-emos, de outra maneira, a acordar com a casa roubada. E depois não há que lhe fazer.

Observado o respeito pela boa fama alheia, a que aludi, ninguém deve rezear a verdade. Que esta, porém, apareça toda, dentro do contexto em que os factos sucederam, e se não ande, unicamente, a apanhar aqui ou ali a parcela de verdade que convém, à semelhança do menino guloso que salpica todo o bolo à procura do que lhe apetece, sem pensar na má figura que faz e no egoísmo que a sua atitude traduz. É caso para dizer: mas que grande malcriado!

Visita do Senhor Arcebispo Primaz

No domingo dia 23 de Janeiro, à tarde, Sua Ex.^a Revma. o Senhor Arcebispo Primaz esteve de visita inesperada à nossa Igreja Matriz, que, nesse dia, reabrirá ao público, após a 1.^a fase de restauro.

Não tivemos a sorte de nos encontrarmos com tão ilustre visitante, mas soubemos que Sua Ex.^a Revma. tudo contemplara, em pormenor, tendo retirado abertamente satisfeito, como satisfeitos ficámos todos nós por tão honrosa visita e pelo estímulo, interesse e amor que ela traduz.

RESTAURO DA Igreja Matriz

Após a realização da primeira fase de restauro reabriu ao público, no dia 23 de Janeiro, a nossa Igreja Matriz. Foi um dia de alegria e satisfação, não só pela obra realizada, como pela comodidade deste templo para os actos do culto divino, cuja necessidade vínhamos a sentir.

O que se fez está bem patente: pavimentação a tijoleira e granito serrado, rodapés em granito, reboco das paredes laterais (interiores e exteriores), rústico nas paredes interiores das capelas laterais, tectos novos nestas capelas com cornija de pedra na do lado norte, retirada das grades de ferro das janelas, colocação de tapete de ferro metalizado à entrada da porta lateral, pintura de três portas exteriores, reforma da baixada eléctrica, instalação da água pública na sacristia e limpeza de altares.

Todas estas obras importaram em duzentos e poucos contos, quantia que ainda não acabamos de pagar. Faltam-nos cinquenta contos. Esperamos a ajuda deste bom povo de Esposende, que, mês a mês vai dando as suas ofertas e assim nos vai permitindo a realização de novos melhoramentos.

Estamos a estudar a colocação dos vitrais nas onze janelas (três figurativos e oito simétricos), em estilo dos fins do séc. XVII, melhoramento que talvez ultrapasse os cem contos. Brevemente daremos o orçamento exacto.

Entretanto, uma obras pedem outras e torna-se urgente o arranjo das capelas laterais e outras obras apontadas nos boletins anteriores.

É a hora dos grandes benfeitores.

Urge restaurar toda a Matriz sem grandes demoras, pois, quanto mais adlarmos mais caro ficará. Além disso, esperam-nos outras obras grandes e dispendiosas, como o salão, as capelas da Senhora da Saúde e São João, etc.

Tal como os presentes, também os ausentes estão a corresponder à nossa voz. Há dias recebemos 500\$00 de um esposendense residente no Brasil.

A obra é realmente de todos; e todos não somos demais. Não esperemos que os estranhos venham conservar o que é nosso. Temos algumas obras de precioso valor histórico e artístico, para não falar no valor paisagístico da Senhora da Saúde. Sabemos o que queremos, e queremos-lo corajosamente, mas faltam-nos dinheiro. Tudo temos feito por formar a melhor opinião, ouvindo a todos, estudando, consultando técnicos, para finalmente realizar. Todas as obras têm defeitos, todas têm

Movimento Religioso

EM JANEIRO

Baptismos

Dia 2 — António Manuel André de Sá, filho de Manuel Moreira de Sá e de Alzira da Conceição André, residentes na rua de São João, 1.

— Claudia Maria Eiras Gomes, filha de António da Silva Gomes e de Maria Augusta Eiras de Sousa, residentes no Bairro Social.

16 — Isabel Cristina Pinto Ferreira, filha de António Moreira Ferreira e de Maria Carminda Viana da Silva Pinto, residentes na rua Dr. Lopes Cardoso, 2.

30 — Ana Paula Graça Eiras, filha de Eduardo de Almeida Eiras e de Maria Madalena de Sousa Graça, residentes na rua Tenente Valadim, 6.

Casamentos

Dia 8 — José Manuel de Faria Cerqueira Gomes, de São João do Souto — Braga, filho de José Augusto de Azevedo Cerqueira Gomes e de Maria Alcina Passos de Faria, com Maria Josefina Soares Cerqueira, residente em Riba d'Ave, filha de Miguel Martins Cerqueira e de Maria Fernanda Soares Pereira.

Óbitos

Dia 17 — Maria da Piedade de Campos Evangelista, de 74 anos, viúva, doméstica, natural desta vila, onde era residente.

20 — António Manuel André de Sá, de um mês de idade.

prós e contras. Optamos pelo melhor, pelo possível ou pelo mal menor.

E ficamos por aqui na conversa deste mês. Vejamos as nossas contas até ao fim de Janeiro:

Total, no mês anterior	116.079\$00
Benfeitor anónimo	20.000\$00
Nas missas do mês de Janeiro	2.000\$00
Dois bazares	5.622\$00
Várias ofertas particulares	1.890\$00
Peditório pelas casas (Janeiro)	11.188\$00
TOTAL	156.779\$00

A todos o nosso muito obrigado.

Os nossos Benfeitores

Pelo número anterior ofereceram:

7\$50 — Idalina Marques Rego.

5\$00 — Maria da Soledade Vieira Loureiro, Dr. Belchior, Matias Costa, Manuel P. Barreira, António P. Ferreira, José Alves Costa, Eduardo Reis, Cecília Garcia, António R. Marques, António C. Zão e Júlia Barbosa.

Sem tempo determinado ofereceram:

100\$00 — D. Maria da Soledade Rocha Gonçalves Brochado — Porto.

50\$00 — D. Maria Albertina Vieira de Almeida, Esperança Nibra Nunes Novo — Brasil e Professor Agostinho Nunes Gonçalves.

30\$00 — Anónimo e Artur Ramos Magalhães — Moçambique.

20\$00 — Albino Miranda Figueiredo.

Novidades

— Na Capela de N.ª Senhora da Barca do Lago, no dia 15 de Janeiro, a jovem esposendense Ana Maria Sá Pereira Vinha, empregada bancária, filha de João Leitão de Faria e Vinha e de D. Maria Helena da Cruz Sá Pereira, contralou matrimónio com João Afonso do Vale, empregado bancário, natural de Nunes — Vinhais, Filho de José Maria do Vale e de Maria da Nazaré Afonso.

— Na Capela da Senhora da Bonança — Fão, no dia 6 do corrente, a jovem esposendense Maria Manuela de Sá Pereira Lopes, professora primária, filha de António Augusto Lopes e de Armandina Alves de Sá Pereira, contralou matrimónio com Raúl Francisco Ferreira de Azevedo, professor do Ciclo Preparatório, natural de Ramalde — Porto, filho de Afonso Pereria de Azevedo e de Julietta Ferreira de Azevedo.

— Na Igreja Matriz de Barcelos, no dia 6 do corrente, a jovem esposendense Maria Helena Malheiro Dias de Castro, filha de António Marcolino Dias de Castro e de D. Maria Albertina da Rocha Malheiro Freire de Oliveira, contralou matrimónio com José Augusto Gomes, natural de Covelinhas — Peso da Régua, filho de Laurindo Gomes e de Isaura da Concelção.

— Depois de brilhante comissão militar cumprida em Macau, regressou a esta vila o furriel miliciano professor Agostinho Pinto Teixeira, que teve a amabilidade de nos vir cumprimentar e agradecer o envio deste boletim.

São assim as pessoas educadas. Parabéns e muito obrigado.

— No dia 2 e 23 de Janeiro realizou-se um Bazar de prendas oferecidas ao Menino Jesus, cujo produto material reverteu a favor do restauro da Igreja Matriz. Para o efeito realizou-se, na tarde do dia

Frescura de Oásis

*Escalda o sol, indiferente,
Lança a miragem na fantasia,
Nasce o falso do verdadeiro
Como segue a noite ao dia.*

*Procuro sombra e não encontro,
Há luz demais em meu olhar...
Vejo diamantes nas pedras,
Pondo-me de novo a cogitar!*

*Quem me dera ser abutre,
Descarnar meu próprio ser,
Encontrar resposta válida
Pró errado poder valer!*

*Não sou céptico, mas humano,
Acredito, e com fervor,
Que a solução neste deserto
É um oásis, é o próprio Amor.*

LINO REI

Tríduo do Sagrado C. de Jesus

De 30 de Janeiro a 6 do corrente realizou-se uma semana de pregações em honra do S. C. de Jesus, que esteve a cargo do Revmo. Padre Paulino Novais. Agradou muitíssimo.

As práticas da semana foram frequentadas por 300 a 400 pessoas, em média. Que pena!

Para quem são estas pregações?

Os que mais precisam, são os que as desprezam. Contemplámos os que vieram e a grande atenção que prestaram. Isso nos alegrou, em parte.

Não quero julgar ninguém, mas lamento tão grande comodismo, abandono e desinteresse. A culpa vem de trás. Se os pais não marcam presença, nem trazem os filhos, a Igreja ficará deserta nos dias de amanhã.

Atendei, cristãos, e reflecti no mal.

Teremos que pensar todos nisto, muito a sério.

1 de Janeiro um desfile de prendas, que só foi pena ser prejudicado pelo mau tempo.

Parabéns a todos e os nossos agradecimentos.

— A Comissão do costume está a elaborar minuciosa e dedicadamente o programa da próxima Semana Santa, nos moldes dos anos anteriores.

Cartas a um jovem

XI

A medida dos homens

Os homens não se medem aos palmos, — terás ouvido muitas vezes. É um aforismo que não raro utilizo, já que a natureza não foi muito pródiga em conceder-me avantajadas proporções.

A medida dos homens, escreveu Miguel Trigueiros, é a vontade, e a origem da vontade, o sacrifício.

Sacrifício! Palavra dura, granítica, cortante. Imaginá-la é ouvir o escarpado íngreme dumá formidável montanha, o ideal, lá do alto, a acenar, convidativo e insinuante, e os membros, negros de suor e rubros de sangue, dobrados para a terra, mal sustendo em si o peso de um tronco que os esmaga.

No entanto, meu caro, fica-te com esta: se tens medo ao sacrifício, jamais serás homem. A vida é um misto de sangue, suor e lágrimas. Onde tal composto não entre temos no amálgama dos dias, horas e acções um vegetar de seres humanos, mas não um viver de homens, já que este se não dá bem onde a renúncia não medra e a mortificação está ausente.

A água pura e cristalina que faz a delícia das tuas tardes de verão teve de se purificar entre o cortante das areias, e a aspereza dos rochedos. Deixou lá, nos caminhos purificantes em que dolorosamente se arrastou, pedaços da sua carne.

O pintainho que vês, alegre e satisfeito, a levantar no ar o cibato para logo o deixar cair e o retomar em seguida, teve, se quis ser alguém, de furar, às bicadas, a casca do ovo que lhe escondia a luz do sol.

O grão de milho, que agora vês transformado em loira espiga, vestido de doiradas fitas e embelezado pelo atraente dumas barbas tão puras e tão lindas necessitou de empurrar, sacrificadamente, a terra que o cobria. Ainda me lembro de o ver, mostrando timidamente a cabeça recurvada pelo esforço dispensado, quando nos sorriu pela primeira vez.

O S. Bruno que tantos extasia e diante de quem, o Rei de Castela, exclamou arrebatado: «só lhe falta falar!», foi informe bloco de mármore e suportou, pacientemente, as martela-

das que Manuel Pereira lhe deu, sofreu as pancadas do escopro que lhe amoldou as formas, aguentou o cortante do cinzel que lhe rasgou os olhos, e só por isso, só porque aguentou, sem um queixume, tão doloroso martírio é que hoje recebe os aplausos de quantos o contemplam.

Não tenhas ilusões. Se queres ser alguém tens de sofrer. Estás perdido se vais para a vida disposto a satisfazer o que te pedem os caprichos e as paixões. Terás, muitíssimas vezes, de lhes não dar ouvidos, de renunciar ao que te apetece, para te entregares, de alma e coração, ao cumprimento do dever. Necessitas, para isso, dumá vontade tenaz. Onde a vais caldear?

Acredita-me, que sou teu amigo: no sacrifício voluntariamente aceite. Se agora não tens coragem para renunciar ao que é lícito, falecer-te-ão as energias quando, diante do proibido, os sentidos te arrastarem para lá.

P. SILVA ARAÚJO

Benfeitor Anónimo

No dia 23 de Janeiro celebrámos as missas dominicais na Igreja Matriz, depois de um intervalo de cerca de três meses. Estava concluída a 1.ª fase de restauro. Como era natural, no fim das missas, falei sobre as obras realizadas e as suas despesas. Fiquei surpreendido quando, após a missa do melodía, um Bom Senhor, que não é de Esposende, mas apenas aqui participa nas missas dominicais aquando das suas passagens por esta terra, vem à sacristia, dirige-me algumas palavras de entusiasmo e faz entrega de um cheque de vinte contos, ajudando assim a saldar a dívida das mesmas obras.

Pede, depois, que o seu nome fique no anonimato. Ficará o nome, mas acho bem que não fique o gesto e a lição. Estes deveriam ser seguidos por muitos outros.

Aqui temos um exemplo de quem recebeu de Deus muitos bens materiais, mas recebeu também, e tem cultivado com esmero, a vontade de dar.

E quantos esbanjam fortunas! Quanto dinheiro mal gasto a alimentar vergonhosos vícios!

Para tão ilustre benfeitor, que, junto a sua virtuosa Esposa, tanto nos alegra ver participar pela Sagrada Comunhão nas missas dominicais, vai o nosso profundo e sincero agradecimento e o muito obrigado de toda a Família Paroquial de Esposende.